



**FACULDADE SOCIAL DA BAHIA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ESPORTE DE AVENTURA E MEIO AMBIENTE:
TEMATIZANDO ESSES CONHECIMENTOS NA EDUCAÇÃO
FÍSICA.**

JOANNA PITOMBO TEIXEIRA

**SALVADOR
2005**

JOANNA PITOMBO TEIXEIRA

**ESPORTE DE AVENTURA E MEIO AMBIENTE:
TEMATIZANDO ESSES CONHECIMENTOS NA EDUCAÇÃO
FÍSICA.**

Monografia submetida ao curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Social da Bahia, em cumprimento parcial aos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Mdo. João Danilo Batista de Oliveira.

**SALVADOR
2005**

JOANNA PITOMBO TEIXEIRA

**ESPORTE DE AVENTURA E MEIO AMBIENTE: TEMATIZANDO
ESSES CONHECIMENTOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Social da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Data da aprovação

___/___/___

Banca examinadora

Prof. Fábio Nunes

Prof. João Danilo B. de Oliveira

Parecer final:

**SALVADOR
2005**

*Dedico esse trabalho a Cleyton Russo, Júlio Marques, Kalay
Marques, Kleber Castro, Paulo Campos e Zairo Andrade...
Meus instrutores nas diversas modalidades de esportes
radicais que pratico ou pratiquei.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais, principais responsáveis pela minha caminhada acadêmica. Obrigado por inculcar em mim a consciência da necessidade de uma educação para além da escola, para além da universidade.

Em especial, a minha mãe, que na construção da sua tese de doutorado, me fez perceber que essa monografia é só o começo de uma longa jornada...

A Márcio Müller, pelo carinho, pela compreensão, e principalmente pelos domingos de sol passados sozinho enquanto eu produzia...

Ao meu orientador, João Danilo, maior incentivador na minha iniciação a pesquisa, que aos 46 minutos do 2º tempo, me deu a oportunidade de fazer um lindo gol. Obrigada pela dedicação e paciência. E principalmente por acreditar que era possível...

A Soraya Domingues, amiga e colaboradora, que esteve presente muito mais que na referência bibliográfica, mas nas diversas discussões que trouxeram grandes conclusões tanto para o presente trabalho quanto para a vida.

A Faculdade Social da Bahia, seus funcionários, coordenadores, professores e principalmente colegas que estiveram presentes nesses quatro anos de caminhada, dividindo os sabores e dissabores de ser uma primeira turma.

A toda a comunidade acadêmica que tem produzido, artigos, teses, dissertações, etc, sobre os esportes de aventura e assim demonstrado que o valor deles é muito maior do que pura adrenalina. Obrigada pelas bibliografias sugeridas, pelas teses enviadas e pelo apoio dado a alguém que nunca viram, mas que têm em comum mais do que a busca pela aventura, mas a busca pela inclusão da aventura no contexto escolar e acadêmico.

Ao amigo Fábio Vênere, por todas as discussões sobre os esportes radicais e a esperança que fica de um dia vê-los sendo introduzido no currículo acadêmico das faculdades da Bahia.

E principalmente, ao pequeno Ícaro, que um dia, quem sabe, poderá compreender o porquê da minha ausência nesse momento de produção.

Obrigada a todos.

RESUMO

Este estudo realizado a partir de uma revisão bibliográfica, busca investigar com a área de Educação Física tem tratado a temática do meio ambiente nos estudos destinados a investigar os esportes de aventura na natureza, como também, pensar possibilidades da tematização destes conteúdos nas aulas de Educação Física. Assim, este estudo tem como objetivo discutir o trato com o conhecimento sobre esportes de aventura e meio ambiente na área e mapear possibilidades de tematização desses conteúdos nas aulas de Educação Física. Este estudo reconhece a Educação Física como componente curricular que vai tratar pedagogicamente da cultura corporal de movimento na escola, estando seu projeto, inserido as propostas pedagógicas da escola (LDB 9394/96). Nessa perspectiva os esportes serão tratados pedagogicamente. Pensar numa ação didática do esporte é entendê-lo num contexto de intencionalidades e organizado de forma que possa ser tematizados, assim, pela característica que lhe é peculiar, os esportes de aventura na natureza tematizarão neste estudo o meio ambiente e a educação ambiental, tema transversal de caráter interdisciplinar cuja presença na escola foi definida como necessária desde a Conferencia Internacional sobre Educação e Formação Ambiental realizada em Moscou em 1987. Os dados desta pesquisa nos mostram que as produções teóricas sobre esporte de aventura carecem de um maior compromisso com as questões ambientais e a preservação do meio ambiente. Com isso, trazemos no bojo deste trabalho uma discussão mais crítica sobre os esportes de aventura na natureza e fazemos algumas incursões sobre possibilidades de tematização deste conteúdo nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Meio Ambiente, Esportes de Aventura, Educação Ambiental.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vi
INTRODUÇÃO	8
Metodologia.....	11
CAPÍTULO 1: ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA	14
I.1 Esporte de Aventura.....	20
CAPÍTULO 2. MEIO AMBIENTE.....	23
CAPÍTULO 3: OS ESPORTES DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.	29
CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

Este estudo, intitulado *Esportes de Aventura e Meio Ambiente: tematizando esses conhecimentos na Educação Física*, procura, a partir de uma revisão bibliográfica, construir um espaço de reflexão acerca da expansão do esporte em nossa sociedade, mas específico dos esportes junto à natureza. Buscamos também verificar como a produção do conhecimento na área tem tratado os conceitos e as relações entre estas temáticas. A partir disso faz-se uma relação entre a necessidade de uma educação ambiental, no intuito de assegurar à sociedade a preservação dos recursos naturais indispensáveis à sobrevivência humana e as possibilidades de educarmos/conscientizarmos as pessoas para confrontar-se com a realidade atual.

O esporte é um fenômeno em nossa sociedade contemporânea, que envolve milhares de pessoas não só pela sua prática, como também, pelo estilo de vida de nossa população tornando-a cada vez mais envolvida por sua ação passiva, ou seja, tanto é grande o número de pessoas em nossa sociedade que praticam esporte, quanto maior ainda é o número de sujeitos que acompanham e consomem os produtos ligados a essas práticas.

O esporte como manifestação de expressões corporais do homem, mediado pela cultura não existe desprovido de uma intencionalidade, assim, assumiu em seu processo de construção sentidos e significados. Para Bracht (2003), o esporte é fruto da organização da sociedade em torno dos modos de produção capitalista. Esse fenômeno, surgido no âmbito da cultura européia, se expandiu rapidamente junto com o capitalismo por todo o mundo. Num processo entendido por esse autor como a hegemonização das manifestações da cultura corporal, essa prática foi resultado de um processo de opressão das manifestações populares que não servia aos interesses do novo modo de organização dos meios de produção.

O século XX, frente ao processo de industrialização e urbanização, é o marco da expansão do esporte no Brasil e é neste contexto que uma série de manifestações esportivas surge e ganha expressão, embora, como nos afirma Bracht (2003), esse processo de expansão

do esporte não tenha acontecido sem resistência, sem oposição. No Brasil, sem sombra de dúvidas, como em todo o cenário mundial, o esporte constitui-se como uma das maiores expressões corporais humanas da atualidade, assim tratando a educação física como área que estuda as manifestações da cultura corporal, o esporte deve fazer parte deste campo de estudo.

Dentre as diversas manifestações do esporte em nossa sociedade, chamamos a atenção neste momento para uma de suas dimensões ainda recente, entretanto sua brevidade, não diminui a sua importância. A prática de esportes na natureza é um fenômeno que mostra-se intenso e cada vez mais vem crescendo no cenário esportivo, de lazer e turístico no Brasil. Assim, os homens que no processo de industrialização, urbanização e transformação das manifestações da cultura popular criaram o que chamamos de esporte moderno, que produz espaços/tempos determinados para suas práticas, agora, busca um retorno através dos esportes na natureza, do lazer e do turismo ao meio natural. Nesse contexto, Bruhns (1997, p.90) diz que “talvez a opção pelos denominados esportes de aventura possa ser traduzida através do desejo de uma reconciliação com a natureza, expressa numa experiência antes nunca vivenciada”. No segundo capítulo aprofundaremos mais sobre os esportes de aventura e suas relações com o meio.

Com o fortalecimento do capitalismo, logo, de seus meios de organização e produção, a exploração da natureza e sua transformação se intensificaram, houve um processo de afastamento do homem das áreas naturais, que ficam cada vez mais escassas. Entretanto, é cada vez mais comum vermos grandes grupos de pessoas se organizarem para buscar a prática de exercícios físicos, esporte, lazer e turismo em áreas naturais. Percebemos que na mesma velocidade em que aumenta o consumo dos esportes junto à natureza, os recursos naturais de nosso planeta se esgotam. Com isso a temática da preservação do meio ambiente e da garantia dos recursos naturais para a sobrevivência humana torna-se uma problemática central de relevância pública, política, econômica e social a ser discutida em nossa sociedade.

Por isso as discussões sobre o meio ambiente devem estar presentes em todos os espaços educativos. A Educação Ambiental, ainda recente nas discussões e produção do conhecimento no Brasil, vem assumindo novas dimensões a cada ano, principalmente pela urgência de reversão do quadro de deterioração ambiental em que vivemos, necessitando de proposições que busquem aperfeiçoar os sistemas de códigos que orientam a nossa relação com o meio natural. Trata-se de compreender e construir novos padrões, de forma coletiva, para as relações da sociedade com o meio natural.

A escola, como espaço que em nossa sociedade assume para si a responsabilidade de tratar da educação formal da criança, deve estar inserido no contexto das preocupações com o meio ambiente e a educação física por tratar dos estudos das manifestações da cultura corporal e do lazer devem estudar como tem se dado à relação dessas práticas sociais com a natureza, nesse sentido Pérez e Vásquez (*apud* Vargas, 2004) dizem que:

a formação de convicções meio ambientais, através da EF, contribui na formação de gerações de homens preocupados com o humano, tendo em vista que o meio ambiente não é responsabilidade somente das Ciências Naturais, pois seu enfoque é interdisciplinar, além de multidisciplinar.

Neste contexto, busco nesta pesquisa discutir sobre os temas esportes de aventura, meio ambiente e as possibilidades de trato com esses conhecimentos nas aulas de educação física. Este estudo de caráter monográfico tem por princípio investigar através de um estudo de revisão a produção do conhecimento sobre temas que envolvem a prática de esporte em áreas naturais, a preservação do meio ambiente e aulas de educação física, buscando uma associação de temas que possuem grande expressão social e precisam ser trazidos para o cotidiano escolar e para o desenvolvimento humano dos alunos, além de oferecer à área de Educação Física mais uma opção de trabalho, enriquecendo o currículo escolar. Daí deriva a importância de discuti-la no contexto educacional.

Assim, este estudo parte da problemática de que a redução das reservas naturais do planeta dificulta a própria existência humana, passando esse tema a ter relevância pública, política, econômica e social. Até o momento, a produção da educação física sobre esporte de aventura e meio ambiente não problematiza esses conhecimentos de forma a compreender as relações homem-natureza. Os esportes de aventura, pois, devem ser tematizados nas aulas de educação física.

Para atender às necessidades deste problema, estabelecemos como objetivo do presente trabalho discutir o trato com o conhecimento sobre esportes de aventura e meio ambiente na área e mapear possibilidades de tematização desses conteúdos nas aulas de educação física.

Metodologia

Tendo como referência para este estudo levantar a produção do conhecimento sobre os temas que relacionam educação física e meio ambiente, ou buscar estabelecer essas relações a partir das fronteiras do conhecimento acerca dos temas estudados, mas específico buscando aproximações do trato com os conhecimentos sobre esportes junto a natureza e sua tematização nas aulas de Educação Física, estabelecemos como referência para este estudo a Pesquisa Bibliográfica, feito desta uma análise qualitativa.

A Pesquisa Bibliográfica é um tipo de pesquisa realizada a partir de um material já elaborado, que pode ser gráfico, sonoro ou informatizado. Todas as pesquisas exigem algum tipo de pesquisa bibliográfica, mas algumas são realizadas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. De acordo com Gil (1991) depois que se decide fazer uma pesquisa bibliográfica deve-se considerar as seguintes fases:

- a) determinação dos objetivos;

- b) elaboração do plano de trabalho;
- c) identificação das fontes;
- d) localização das fontes e obtenção do material
- e) leitura do material
- f) tomada de apontamentos
- g) confecção de fichas
- h) redação do trabalho

Dessa forma, após a determinação do objetivo e a elaboração do projeto de pesquisa, identificamos inúmeras fontes em diversos tipos de material, tais como: artigos, livros texto, dissertações, etc. Fizemos também, pesquisas na Internet, onde tivemos acesso aos dados de diversas instituições de ensino superior do país, como também periódicos eletrônicos da área da educação física, principalmente o Boletim Brasileiro de Educação Física e o Lecturas: Educación Física y Deportes. Para fazermos a busca utilizamos palavras-chaves como: esporte de aventura e radicais, meio ambiente, educação ambiental, etc. A revisão foi ampliada através de busca em outras fontes como documentos governamentais, entre eles podemos citar os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Agenda 21. A seleção do material foi feita tendo como base o objetivo específico do trabalho. De posse desse material partimos para a leitura dos mesmos, realizando os respectivos fichamentos e os apontamentos necessários para a redação do trabalho. A partir disso realizamos a elaboração propriamente dita do presente trabalho, que se apresenta organizado da seguinte maneira:

O primeiro capítulo discute a Educação Física, sua evolução e legalização. Assim como o esporte como conteúdo da Educação Física e os esportes de aventura. No segundo capítulo, trataremos da relação do homem com a natureza, construindo um breve histórico das discussões sobre o meio ambiente no Brasil e no mundo chegando a Educação Ambiental e ao desenvolvimento sustentável. Nesse mesmo capítulo já iniciamos a discussão de como os esportes de aventura se relacionam com a natureza. O terceiro capítulo traz proposições de como discutir e trabalhar os esportes de aventura nas aulas de Educação Física focando uma educação ambiental. E o quarto e último capítulo apresenta as considerações finais sobre a

proposta desenvolvida nesta monografia e as conclusões que dão início a uma discussão que permita ampliar as possibilidades do professor de Educação Física no que diz respeito aos esportes de aventura e a Educação Ambiental.

CAPÍTULO 1: ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA

O Esporte é, sem dúvidas, um dos maiores fenômenos da sociedade moderna (KUNZ, 2001). Nos dias de hoje, milhares de pessoas estabelecem direta ou indiretamente diversas relações com essa prática social, as pessoas praticam num consumo ativo, contemplam através dos meios de comunicação de massa ou simplesmente consomem produtos a eles associados. Entender o esporte como prática social concreta é buscar entendê-lo numa rede complexa de relações dentro do modelo de sociedade que o produz dando-lhe sentido e significado.

(...) o esporte faz parte hoje, de uma ou de outra forma, da vida da maioria das pessoas em todo o mundo. Tão rápido e tão “ferozmente” quanto o capitalismo o esporte expandiu-se pelo mundo todo e tornou-se a expressão hegemônica no âmbito da cultura corporal de movimento.(BRACHT, 2003, p. 9)

As relações produzidas pelo esporte são tão intensas que gera dentro de nossa sociedade capitalista um mundo ao seu redor. Inúmeros são os setores da economia que se voltam para o esporte, tanto na perspectiva de produzir instrumentos para sua prática (acessórios esportivos, cientistas buscando melhoria do rendimento dos atletas, infinitos artigos esportivos disponíveis no mercado e a tecnologia em prol do aprimoramento de equipamentos), quanto na perspectiva de agregar valor a seus produtos (diversas são as empresas que patrocinam o esporte na tentativa de aumentar o consumo de seus produtos). Assim, encontramos também a medicina esportiva, o jornalismo esportivo, o direito esportivo. O esporte nos cerca, está em todos os lugares. Na televisão, nos jornais e revistas, do outro lado da rua há alguém praticando alguma modalidade esportiva. Principalmente se adotarmos

um conceito “amplo” de esporte como sugerido por Kunz (2001) inserindo a eles atividades como andar de bicicleta, correr ou dançar¹.

Ao analisar as relações do esporte com nossa sociedade Bracht (2003), o identifica como um dos “fenômenos mais expressivos da atualidade”. Percebendo sua expansão junto ao capitalismo, é claro o entendimento do esporte de forma institucionalizada, cada vez mais normatizada e padronizada. Espaços específicos surgem para a prática dos esportes, materiais e equipamentos são desenvolvidos. O corpo humano passa a ser apenas um instrumento treinado para obter melhores resultados. E lançando mão das palavras do Huizinga (1980, p. 219-220): “o esporte corrompia uma das características fundamentais do jogo que é a espontaneidade.(...) Seja qual for sua importância para os jogadores e os espectadores, ele é sempre estéril, pois nele o velho fator lúdico sofreu uma atrofia quase completa.”

Desde sua inserção nos currículos dos cursos de graduação em educação física na década de 60, pela formação técnico-esportiva e suas raízes militares e médico-higienistas, o esporte passa a ter uma função importante na formação de corpos fortes, saudáveis, obediente e submisso à ordem social vigente, o que não é de se estranhar levando em conta o contexto e o momento político em que vivia o país. É neste contexto que o esporte amplia suas bases para se configurar como prática hegemônica na educação física, espaço ocupado nas primeiras décadas do século XX pela ginástica.

O esporte, assim, valorizava-se contribuindo para que através da prática das modalidades esportivas, dentre outros objetivos, os praticantes alcançassem um corpo forte, robusto e saudável, e por que não dizer ? Obediente às regras pelo sistema vinculadas. Bracht (1986), no texto “*A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista*” expressa os interesses do sistema social imbuído no esporte como: a exacerbação do espírito competitivo, a busca da vitória a qualquer custo, o individualismo e o conformismo. Nessa

¹ Kunz questiona se as atividades cotidianas como andar de bicicleta correr ou dançar não podem ser entendidos como esporte. E se entendidos como esporte, qual a preocupação da Educação Física em relação a essas atividades.

época, o esporte é incentivado pelo governo que, no auge do militarismo, vê na ascensão do esporte uma tentativa de reprimir os movimentos estudantis, desviando a atenção dos estudantes de questões sócio-políticas e voltando para o esporte.

Outros autores em seus estudos têm chamado a atenção para os efeitos negativos atrelados ao esporte: Daolio (2003), direciona mais explicitamente sua crítica a exclusão provocada pelo esporte; Tubino (1996) – faz uma crítica à reprodução do esporte - *performance* no espaço escolar e a discriminação da mulher; Taffarel (1993) – afirma que o esporte legitima as ideologias da classe hegemônica dominante e representa os interesses do capital. Kunz (1994), denuncia o que ele chama de dimensões inumanas do esporte: o treinamento especializado precoce e o doping e propõem a transformação didática pedagógica com vistas à emancipação dos sujeitos e ao movimentar-se humano.

As críticas dirigidas ao esporte podem ser resumidas em duas dimensões, que não se excluem e se articulam. A primeira dimensão diz respeito a essa relação de exclusividade (sem espaço para outros temas), primazia (prioridade quanto ao tempo e à organização do espaço) ou hierarquia (outros temas tratados em função dele) na organização das aulas de educação física. A segunda dimensão da crítica diz respeito à função do esporte na escola, sustentando-se, por um lado, na idéia de que o esporte que acontece na escola está a serviço da instituição esportiva, na revelação de atletas, constituindo-se na base da pirâmide esportiva e, por outro lado, na dimensão axiológica, nos valores que ele transmite, perpassa e constrói. A escola, por meio da educação física, estaria assumindo os códigos, sentidos e valores da instituição esportiva. (ASSIS, 2001, p. 16)

Neste sentido, é significativa a análise do esporte no âmbito da Educação Física porque este tem sido o conteúdo principal desta. Esse estudo não trata de uma negação do esporte como conteúdo da educação física como ressalta Bracht (*apud* Caparroz 2001, p.38), “o fato de criticar o esporte na escola não tem o sentido de negar o esporte como conteúdo da educação física escolar”, nem temos a intenção de destituir o esporte da importância que esse tem em nossa sociedade, pois é reconhecidamente um fenômeno cultural. O que nos propomos a fazer é ressaltar com base no estudo de diversos autores Bracht (1986; 2003), Assis (2001) Kunz (2003), o seu trato com fim em si mesmo dentro das aulas de educação

física, não se aproximando de uma intervenção social e como instrumento da educação, voltadas à formação humana.

Assim, a Educação Física escolar tem sido há muito tempo direcionado para a prática e desenvolvimento dos esportes de rendimento, excluindo quase que totalmente as atividades físicas da cultura regional. Há uma busca incansável a novos atletas, melhores resultados. Muitas vezes a própria educação física é confundida com o esporte em si em função de ser em muitos casos o único conteúdo trabalhado nas aulas. Essa hegemonia dos esportes na escola e a forma com é tematizado trouxe a tona uma grande discussão: Como tratar o esporte nas aulas de Educação Física diferente da forma que vem sendo tratado? Encontramos na literatura muitas teses em relação a essa problemática. Entre elas podemos citar os estudos de (ASSIS², 2001; NISTA-PICCOLO³, 1999; MOREIRA⁴, 1993; BRACHT⁵, 2003.)

Nos últimos anos ficaram conhecidas publicações de autores que, tendo a educação física escolar e o esporte como objeto de estudo, não negam o esporte como modo de intervenção na educação física escolar, entretanto, buscam através dele uma maior valorização dos elementos lúdicos da cultura, uma intervenção e aprendizagem social, bem como uma ampliação da expressividade e da capacidade do movimentar-se humano, que possam ser propagados por meio dela.

² A obra trata do conceito de esporte na escola. Como o esporte deve ser apresentado na escola? É esse o questionamento que o autor procura responder.

³ O livro é uma coletânea de textos sobre diferentes esportes. Nele os autores tratam de diferentes estratégias pedagógicas para trabalhar com o esporte, enfatizando o ensino como muito mais do que transmissão de conhecimento.

⁴ O livro reúne textos de diferentes autores que tratam das novas diretrizes metodológicas no ensino do esporte, assim como as tendências para o esporte no início do século XXI.

⁵ O autor aborda questões sociais do conceito do esporte. Sintetizando as várias teorias sócio-filosóficas sobre o esporte. Aborda o esporte dentro das perspectivas das ciências sociais e humanas. Não esquecendo de abordar a relação entre esporte e o esporte enquanto fenômeno da modernidade.

Chamamos atenção para as discussões travadas por autores como Kunz (2003), Assis (2001) e Capparoz (1997) que explicitam a necessidade de construirmos um esporte da escola e não a reprodução irrefletida do esporte de rendimento no contexto escolar. A nosso ver, para falar de esporte como conteúdo das aulas da Educação Física, faz-se necessário discutir e compreender esta área de conhecimento como componente curricular, identificando seu objeto de estudo, os conhecimentos de que trata e suas finalidades no contexto escolar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Lei nº 9394/96 trás em seu artigo 26 a educação física como componente curricular, estando seu projeto inserido ao projeto pedagógico da escola. A partir desta referência, percebemos um avanço do ponto de vista legal da área, a ser reconhecida como disciplina curricular e não apenas como uma mera atividade dentro do currículo escolar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados por um grupo de professores e pesquisadores da área, tendo como principal função subsidiar a elaboração ou a versão curricular dos estados e municípios, passam então a se apropriar das correntes pedagógicas da educação física para propor formas da educação física se inserir no contexto escolar. Esses parâmetros expressam a área como segue:

Atualmente entende-se que a Educação Física, como disciplina escolar, deve tratar da cultura corporal, em sentido amplo: sua finalidade é introduzir e integrar o aluno a essa esfera, formando o cidadão que vai produzir, reproduzir e também transformar essa cultura. Para tanto, o aluno deverá deter o instrumental necessário para usufruir de jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. (BRASIL, 1998, p.139).

Inicialmente, quem trás essa concepção de que educação física trata como conteúdo a cultura corporal é Soares et al. (1992), no livro Metodologia do Ensino de Educação Física, construído por um coletivo de autores, como muitas vezes é conhecido pela comunidade acadêmica. Ao tentar identificar o objeto de estudo da Educação Física e os conhecimentos a serem tematizados no contexto escolar, o Coletivo de Autores trás que:

A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como as nomeadas anteriormente: jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem. (SOARES et al, 1992, p. 61 e 62).

Sendo assim, reconhecendo o esporte como conteúdo da Educação Física faz-se necessário tratar esse conhecimento nas aulas levando em consideração não só a técnica do esporte, mas todas as dimensões e possibilidades que este conteúdo representa para a Educação Física (social, econômico, político, cultural).

Dentro dessas possibilidades, destacaremos aqui as relações possíveis da educação física com os temas transversais, mais especificamente com o meio ambiente. A Educação Física, como parte integrante da escola, pode e deve ter participação nas discussões e planejamentos sobre os temas transversais. Tanto no sentido interdisciplinar como nas próprias aulas, onde é possível “trabalhar com atitudes, com formação de valores, como ensino e aprendizagem de habilidades e procedimentos, no sentido da construção de comportamentos ‘ambientalmente corretos’” (DARIDO, 2005, p. 91).

Para trabalhar o meio ambiente, nada mais natural que trazer para discussão os esportes realizados na natureza, já que esporte é conteúdo da Educação Física. Portanto, esse estudo trás a tona a discussão de como esses esportes têm se relacionado com a questão ambiental e se estão e como estão sendo discutidos na escola. Partindo da necessidade de tematizar o meio ambiente e discutir valores relacionados a ele, colocaremos esses valores como objetivos norteadores do processo de ensino. Pois a Educação Ambiental nada mais é que um componente interdisciplinar que trás na sua base à preocupação com a preservação dos recursos naturais, a busca por soluções a problemas ambientais e a melhoria da qualidade de vida planetária.

1.1 Esporte de Aventura

Muito se tem falado sobre esportes de aventura, mas são poucos os estudos acadêmicos que discute e investiga esse assunto. A partir de 1990 eles se tornaram mais evidentes na nossa sociedade e o homem passa a buscar ambientes naturais e artificiais para realizar essa prática.

Os esportes de aventura, conhecidos também como esportes radicais, possuem características e significados diferenciados dos esportes tradicionais. Entre as diversas definições apresentadas na bibliografia estudada compactuo com a idéia de Paiva (1999) que entende os esportes de aventura como “aqueles que não possuem limitação de tempo e espaço, e sem regras para sua prática, eles somente seguem normas de segurança necessárias para cada modalidade”. Assim, os esportes de aventura permitem que o praticante confronte-se com ele próprio, superando limites, ultrapassando barreiras e vencendo desafios. Mas, não podemos deixar de perceber que antes do surgimento desses esportes já existiam práticas que envolvem desafios e aventura, mas que não podiam ser caracterizadas como esporte, pelo menos não como se entende o esporte hoje.

Os esportes de aventura podem ser classificados como terrestres, aquáticos e aéreos de acordo com o local da sua prática. Ou ainda como urbanos e de natureza. Os de natureza são praticados em ambientes naturais e utilizam os obstáculos naturais para sua prática, também conhecidos como *outdoor*. Entre os esportes *outdoor* podemos citar o *trekking*, escalada, corridas de aventura, corridas de orientação, *surf*, *rafting*, entre outros. Esses esportes, além de tudo que um esporte de aventura oferece, promovem também uma relação ímpar com a natureza, incluindo conceitos de preservação do meio ambiente e consciência ecológica.

Essa busca pelos esportes de aventura evidenciam uma nova tendência no cenário esportivo, a de trazer os esportes do espaço fechado para o espaço aberto, para a natureza.

Essa tendência pode estar retratando uma nova dimensão do relacionamento homem-natureza.(DARIDO, 2005, pg. 183).

É notória a expansão das atividades de aventura e, a escolha por tais atividades, pode ser traduzida pelo desejo de aproximação maior e mais intensa com o meio natural, movido por inúmeros ideais. Os esportes de aventura oferecem a possibilidade de vivenciar sentimentos de prazer, em função de suas características que promovem, inclusive, a ampliação do senso de limite da liberdade e da própria vida. Essa expansão pode ser conseqüência do afastamento do homem da natureza pela própria estrutura da sociedade capitalista em que vivemos hoje, onde muitos “preferem acumular riquezas ao invés de perder tempo (já que tempo é dinheiro) numa comunicação com a natureza”(BRUHNS, 1997).

No entanto, o crescimento dessas práticas trás a tona uma nova discussão: os esportes de aventura na natureza trazem como conseqüência a preservação ou a degradação do meio ambiente?

De acordo com Marinho (2001, p. 144) essas atividades produzem:

(...) uma definição bastante reduzida da natureza. Esta, por sua vez, passa a ser encarada como um mero local de atividades, cujo propósito é limitado a servir as necessidades dos praticantes que procura satisfação e prazer. A natureza, levada, então, a um segundo plano é redefinida como um ambiente coincidentemente útil e agradável, atrativo e conveniente para as atividades esportivas. O conhecimento e a proteção ambiental, nesse contexto, parecem ser irrelevantes.

Nesse sentido, a natureza passa a ser um mero palco para a prática de tais atividades, onde o homem chega, consome o que lhe é necessário e conveniente e parte deixando apenas o rastro de sua passagem.

Retornando a Marinho (2001, p.147), veremos que:

(...), se por um lado, reportagens mostram que, nessa busca pelo risco, pela aventura, a natureza, algumas vezes, pode ser percebida como um mero cenário atrativo para a prática esportiva, por outro, atitudes de respeito e cuidado também surgem nas entrelinhas desse jogo de representação.

Mas, esse respeito e cuidado não surgem na prática pela prática. “Ou seja, é ingênuo pensar que apenas a prática de atividades junto a natureza, por si só, seja suficiente para a compreensão das questões ambientais mais profundas” (FIGUEIREDO, 2002, p. 96). Principalmente porque, muitos desses esportes podem estar reforçando a ideia de superioridade frente a natureza que o homem tem. Dessa forma se faz fundamental a intervenção do educador no sentido de promover que essa prática seja realizada de forma pensada e refletida.

Outros autores defendem esta idéia de que o contato com a natureza traz ao praticante dos esportes de aventura uma consciência ecológica no sentido de promover a melhoria da qualidade de vida e a preservação do meio ambiente. O próprio Coletivo de Autores quando trás como exemplo organizar atividades de lazer em áreas verdes sugere que:

Essas experiências devem proporcionar a ampliação de referências que levem o aluno a compreender e explicar a necessidade de a população participar da gestão do seu patrimônio ambiental, as relações da questão ecológica com a saúde dos trabalhadores, com o desenvolvimento urbano, a opção tecnológica etc. (SOARES et al, 1992, p. 63)

Da mesma forma, Costa *apud* Grezzana (2003) traz que “a prática dos esportes de aventura na natureza possibilitam a compreensão de uma educação ambiental, pela busca do entendimento entre o homem e o meio ambiente”.

E é com esse princípio que sugerimos a tematização da prática de esportes de aventura nas aulas de Educação Física. Propondo que essas práticas não sejam do ponto de vista utilitarista quando relacionamos com a natureza. Que essa relação homem-natureza, não seja uma relação de consumo e sim uma relação de construção e preservação, pensada, refletida.

CAPÍTULO 2. MEIO AMBIENTE

No ambiente urbano das médias e grandes cidades a percepção do homem como um ser dissociado do meio ambiente foi evoluindo ao longo dos séculos. A distinção entre homem e animal, cidade e natureza aumentava a cada dia. Só recentemente essa separação chegou ao seu ponto máximo e culminou quando o homem se viu ameaçando a sua própria existência e teve que por obrigação tentar contornar ou suavizar uma possível crise ambiental. A partir daí surge um longo processo de discussão envolvendo governos e sociedades de todo o mundo.

Hoje, estamos discutindo as relações homem natureza no sentido de buscar uma solução para a destruição ambiental porque ao longo dos anos o homem sempre se relacionou com a natureza numa perspectiva de exploração, domínio e devastação. Isso é reflexo direto do modo de vida capitalista adotado pela nossa sociedade. O homem não se adapta ao ambiente em que vive e sim o transforma e modifica.

Por outro lado, segundo Cascino apud Domingues (2005) a preocupação com a preservação da vida no planeta para as gerações futuras, ou seja, a consciência ambiental, surge no século XVIII, quando o ser humano conquistou espaços naturais como o pico da montanha Mont Blanc. Ao explorar esses novos espaços o ser humano passa a ter um maior contato com a natureza. Ao mesmo tempo em que ele explora o planeta e descobre novos territórios, cria novas ferramentas de trabalho e grandes máquinas culminando no processo de revolução industrial. Entre as décadas de 40 e 60 surge nos Estados Unidos da América o movimento Hippie, afirmando ou reafirmando a necessidade de uma luta pela construção de um planeta melhor para a vida humana.

É neste contexto histórico que surgem conceitos como “ambientalismo” ou “ecologização da sociedade” para denominar esse fenômeno da sociedade contemporânea.

A extinção das espécies, o aquecimento global, o desmatamento, a contaminação química da atmosfera, dos solos e das águas, o fim das reservas naturais e a destruição da camada de ozônio são alguns dos problemas ambientais que tomaram uma importância singular desde que foram difundidos ao mundo na Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano. Essa conferência aconteceu em Estocolmo, realizada pela ONU em 1972, e reuniu 113 países no intuito de buscar soluções para os problemas ambientais. Nessa ocasião, ficou decidido que “seriam necessárias mudanças profundas nos modelos de desenvolvimento, nos hábitos e comportamentos dos indivíduos e da sociedade, e isso só poderia ser atingido por meio da educação” DIAS (2003, p. 74). A partir daí, as questões ambientais passaram a ser debatidas com mais frequência na imprensa mundial.

Antes disso, em 1962, a bióloga Rachel Carson publica o livro *Primavera Silenciosa* que reúne uma série de narrativas enfatizando os diversos problemas ambientais que estariam acontecendo ao redor do mundo em consequência do desenvolvimento econômico predominante na época. Entre as diversas desgraças ambientais que ocorriam na época podemos citar a morte dos rios e transformação deles em canais de lodo e esgoto, o envenenamento do ar das cidades pela poluição generalizada e solos envenenados por biocidas. O que mais assusta é perceber que, mais de 40 anos depois, esses e muitos outros problemas ainda se fazem presentes no nosso mundo contemporâneo. Inúmeras outras obras poderiam ser citadas aqui. Todas elas com grande importância na discussão sobre os problemas ambientais causados pela relação homem natureza. No entanto essas discussões não ultrapassavam o aspecto meramente descritivo, não tendo nenhuma proposição de como mudar essa situação.

Mas, ainda em 1965, numa conferência em Educação realizada na Grã-Bretanha foi discutida a necessidade de a Educação Ambiental estar presente nas discussões sobre

educação. Nesse mesmo momento, surgia no sul do nosso país a primeira organização dos ambientalistas AGAPAN – Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural.

Em 1975 acontece mais um importante encontro que reúne especialistas de 65 países para discutir a Educação Ambiental. O Encontro Internacional sobre Educação Ambiental foi realizado na cidade de Belgrado e promovido pela UNESCO. Nessa oportunidade, foram elaboradas as diretrizes para a formulação do programa de Educação Ambiental segundo as quais, ela deveria ser contínua, multidisciplinar, integrada às diferenças regionais e votada para os interesses nacionais. Essas diretrizes se resumem num documento chamado Carta de Belgrado que expressa também a necessidade de erradicação da pobreza, da fome e do analfabetismo, da poluição e da dominação e exploração humana. No entanto, a educação ambiental promovida ao longo dos anos se resume a um movimento ecologista, sem discussões a nível socioeconômico, apenas a luta do verde pelo próprio verde. (DOMINGUES, 2005).

Gradativamente, a discussão foi chegando aos países subdesenvolvidos. Nos anos 1980, o tema começou a ser tratado, ainda com certa timidez, nos meios de comunicação do Brasil. Antes disso, o governo limitava sua ação ao controle de poluição e preservação de algumas amostras do ecossistema. Naquele momento, o mais importante era atingir altas taxas de crescimento econômico, ainda que fosse necessário explorar a natureza intensivamente. O crescimento do capitalismo gerou um mundo de desigualdades sociais e a pobreza de muitos povos e nações, mas também grandes avanços científicos e tecnológicos. No entanto, esses avanços trouxeram como consequência a destruição da natureza em função dessa busca pelo lucro e acumulação de capital. Segundo Morais (1994) apud Rabelo (2003, p. 32) “a crença que nossas riquezas naturais eram inesgotáveis justificou a prática da ocupação e exploração de territórios sem planejamento ou preocupação com os impactos”.

Na década de 1990, foi se fortalecendo uma idéia de desenvolvimento sustentável, que integra a racionalidade ambiental e o equilíbrio ecológico à reconstrução do sistema econômico, incorporando também valores políticos, como a democracia participativa, e sociais, através da melhoria da qualidade de vida.

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a ECO 92, realizada no Rio de Janeiro foi emblemática. O evento, de importância mundial, contou com a presença de representantes de mais de 179 países e teve como principal objetivo criar mecanismos que possibilitassem a convivência pacífica e multilateral entre o progresso econômico e a necessidade de uma consciência ecológica, além de introdução do conceito do objetivo global de paz e do desenvolvimento social.

Um dos frutos mais importantes da Eco 92 foi a elaboração da Agenda 21, documento assinado por mais de 170 países e se refere às preocupações com o nosso futuro, no século XXI, servindo de guia para as ações dos governos e das comunidades em busca de um planejamento participativo por um desenvolvimento sustentável (RABELO, 2003).

No que diz respeito à promoção do ensino, da conscientização e do treinamento, a Agenda 21(1992) determina providências quanto às questões do ensino relacionado ao meio ambiente sustentável, uma vez que ela, em seu capítulo 36, apresenta a necessidade de se aumentar a consciência pública através de uma educação voltada para o meio ambiente (RABELO, 2003).

Dentro deste contexto, é clara a necessidade de mudar o comportamento do homem em relação à natureza e criar uma discussão ambiental desprovida de preconceitos e voltada no sentido de integrar o homem ao seu meio, numa convivência pacífica, cuidadosa e responsável. É nessa perspectiva que o tema meio ambiente deve ser trabalhado nas escolas. Ainda em 1987, foi concluída a necessidade de se introduzir a Educação Ambiental nos sistemas educativos dos países, na Conferência Internacional sobre Educação e Formação

Ambiental realizada em Moscou. A Educação Ambiental não deve constituir uma disciplina e sim ser trabalhada através de enfoques interdisciplinares com os objetivos de contribuir para que os alunos ao final do curso sejam capazes de:

- conhecer e compreender, de modo integrado e sistêmico, as noções básicas relacionadas ao meio ambiente;
- adotar posturas na escola, em casa e em sua comunidade que os levem a interações construtivas, justas e ambientalmente sustentáveis;
- observar e analisar fatos e situações do ponto de vista ambiental, de modo crítico, reconhecendo a necessidade e as oportunidades de atuar de modo reativo e propositivo para garantir um meio ambiente saudável e boa qualidade de vida; [...]
- compreender a necessidade e dominar alguns procedimentos de conservação e manejo dos recursos naturais com os quais interagem, aplicando-os no dia-a-dia; [...]. (BRASIL, 1998, p. 53 e 54).

Figueiredo (2002), em sua dissertação de mestrado, cita a lei nº 9.727, promulgada em 1999, que institui a Política nacional de Educação Ambiental (PNEA) e dentre outras providencias, trás em seu artigo dez que “a Educação Ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal”. E completando, o artigo onze diz que “a dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas”. Essa lei, de certa forma, vem completar o que diz os PCNs em relação a Educação Ambiental. Entretanto, por a PNEA ser uma lei nova, mesmo os currículos mais novos dos cursos de licenciatura em Educação Física não contemplam em sua grade curricular a perspectiva da Educação Ambiental prevista nessa lei, como é o caso do curso em licenciatura em Educação Física da Faculdade Social da Bahia. Mesmo a Educação Ambiental sendo prevista como tema transversal nos PCNs desde 1998.

A Educação Ambiental se constitui numa forma abrangente de educação através de um processo pedagógico participativo permanente que procura incutir no educando uma consciência crítica sobre a problemática ambiental. Em outras palavras:

Ela representa um processo pelos quais (sic) os indivíduos e a comunidade toma consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades,

experiências e determinação que os tornem aptos a agir e resolver problemas ambientais, presentes e futuros. DOMINGUES (2005, p.106 e 107)

Um programa de Educação Ambiental para ser efetivo deve promover, simultaneamente, o desenvolvimento de conhecimento, de atitudes e de habilidades necessárias à preservação e melhoria da qualidade ambiental.

A aprendizagem será mais efetiva se a atividade estiver adaptada às situações da vida real da cidade, ou do meio em que vivem aluno e professor. É a partir daí que pretendo situar como estratégia de ensino para a prática da Educação Ambiental a exploração do ambiente local prevendo a utilização dos recursos locais próximos para a realização de atividades esportivas junto à natureza, os esportes de aventura. Desta forma, podemos pressupor como vantagens desse tipo de trabalho, a participação ativa dos alunos, vivenciando situações concretas e uma grande participação de pessoas envolvidas, tendo como premissa a necessidade do jovem de busca pela aventura, pelo risco, pelo desconhecido, longe dos padrões urbanos, fatores presentes nas atividades físicas de aventura em contato direto com o meio ambiente natural, com vista à busca constante da utopia da preservação do meio ambiente.

CAPÍTULO 3: OS ESPORTES DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Como já analisado anteriormente, o esporte é um dos conteúdos da cultura corporal e, assim sendo, deve ser trabalhado e discutido nas aulas de Educação Física. Dessa forma, os esportes de aventura devem ser incluídos nas discussões que tratam do esporte, pela sua relevância na contemporaneidade ou pela importância de tematizarmos as questões referentes à educação ambiental. Reforçando essa afirmação, os esportes de aventura “[...] colocam-se como uma tendência na dinâmica cadeia de relações construídas a partir do entendimento sobre o fenômeno esportivo; portanto, precisam ser abordados e discutidos na escola” (DARIDO, 2005, pg. 183).

Trazendo a discussão de Zabala (1998) sobre os conteúdos, deparamo-nos com uma definição bastante ampla de conteúdo que inclui o que era inicialmente chamado de currículo oculto, que seria tudo aquilo que se aprende na escola, mas que não estão necessariamente de forma explícita nos programas de ensino. Para ser mais específico, tomaremos as idéias de Darido (2005) quando ela afirma que:

[...] quando nos referimos a conteúdos, estamos englobando conceitos, idéias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras, habilidades cognitivas, modos de atividade, métodos de compreensão e aplicação, hábitos de estudos, de trabalho, de lazer e de convivência social, valores, convicções e atitudes (DARIDO, 2005, p.65).

Coll (*apud* Darido, 2005) classifica esse conteúdo em três dimensões: conceitual, procedimental e atitudinal. Embora, na prática essas dimensões não possam estar separadas, é possível dar ênfase em uma ou outra. Essas dimensões podem ser definidas de forma bem simples respondendo às seguintes questões: “o que se deve saber?”, “o que se deve saber fazer?” e “como se deve ser?”, traduzindo as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, respectivamente.

Para Zabala (1998), quando nos referimos ao saber, fala-se do plano de fatos e conceitos. No âmbito do saber fazer, refere-se aos procedimentos necessários para executar tarefas nas quais é necessário mobilizar diferentes conhecimentos. E, no que concerne ao saber ser, fala-se das atitudes que o sujeito pode desenvolver para se relacionar com o conhecimento, com os pares e com a sociedade.

Partindo dessa definição e classificação, apresentaremos a seguir alguns exemplos de conteúdos relacionados aos esportes de aventura e meio ambiente, que poderiam estar sendo trabalhados nas aulas de Educação Física nas três dimensões citadas acima.

Na dimensão conceitual: o que se deve saber sobre os esportes de aventura e meio ambiente? Nesse momento cabem as discussões sobre esportes, esportes de aventura, conceitos e classificações; os esportes como fenômeno em nossa sociedade e suas relações com o meio; o conhecimento sobre as transformações ocorridas ao longo dos anos e o por que dessa nova busca a natureza; o entendimento do conceito de meio ambiente de forma ampla, incluindo nela as relações sociais, econômicas, políticas e culturais do homem; noções de preservação, do por que preservar, das causas e efeitos da degradação da natureza; as relações do homem com a natureza e, mais especificamente, as relações do homem com o meio ambiente na prática do esporte junto à natureza; entre muitos outros conceitos que poderiam ser discutidos levando em consideração a faixa etária e o contexto sociocultural dos alunos.

Na dimensão procedimental ou “o que se deve saber fazer”, podemos sugerir alguns conteúdos a serem trabalhados. Para isso, traremos para a escola a prática de alguns esportes de aventura. A escolha dos esportes a serem desenvolvidos pode variar tanto com a faixa etária dos alunos, como também com a condição material e social da escola.

No decorrer da produção do presente trabalho, fomos muitas vezes questionados como estaríamos propondo a prática de esportes de aventura na escola quando a grande maioria desses esportes requerem materiais específicos, muitas vezes de custo alto. Mas muitos são os

esportes que poderiam ser incluídos na escola. Mais especificamente, esportes como *trekking*, corridas de orientação e de aventura, *sandboard*, por serem atividades esportivas de maior acesso a todos os alunos, incluindo aí a maior parte de nossa população que possui baixa renda. Para a prática desses esportes não é necessário um material específico. Isso facilita a inclusão desses esportes em escolas em que muitas vezes não possuem nem uma bola, quem dirá equipamentos para esportes de aventura. No entanto, não podemos nos prender a apenas essa realidade, quando inúmeras são as escolas onde se poderiam estar trabalhando outros esportes com um custo maior, como rapel, arborismo e tirolesa. Outro elemento de fundamental importância é que as áreas da natureza para estas práticas podem e devem estar diretamente ligados ao contexto espaço-temporal destes sujeitos. Logo, a reflexão sobre os seus contextos de vida e moradia são fatores importantes para sua formação crítica e política, bem como social. Na cidade de Salvador, especificamente, existem alguns lugares adequados para a prática de tais atividades, como o Parque Metropolitano de Pituaçu e o Jardim Zoobotânico, locais com trilhas ecológicas onde poderiam ser elaboradas trilhas, corridas de orientação e de aventura, ou o Parque Metropolitano do Abaeté - com sua lagoa, perfeita para atividades aquáticas e suas dunas, local ideal para a prática de *sandboard* - e, principalmente, uma área litorânea que percorre todas as zonas da cidade, dos bairros periféricos aos mais nobres.

Nesse momento, cabe ao professor trabalhar no conceito de esporte da escola, como já explicado no primeiro capítulo, e fazer as devidas adaptações às atividades e trazer junto às práticas esportivas propriamente ditas a prática de atividades voltadas para a educação ambiental. Além disso, realizar essas atividades sempre trazendo a discussão de como praticar os esportes de aventura na natureza sem agredi-la, buscando um equilíbrio entre a utilização para atender as suas necessidades e a sua preservação. Nas corridas de aventura, por exemplo, podem-se inserir etapas onde algum tipo de cuidado com o meio ambiente seja incluído.

É na dimensão atitudinal que a educação ambiental incide com maior intensidade. É aqui que se enquadra a preocupação de estar construindo com os alunos uma consciência ecológica, construindo um espaço de mudança de valores e comportamentos, percebendo as relações que o homem estabelece com pares e com a natureza, desenvolvendo uma consciência crítica frente a essas relações. É importante a construção de uma ação crítica dos alunos nas relações que estabelecem com a natureza, apropriando-se de valores ambientais na prática do esporte junto à natureza, tomando cuidado para que essas práticas não estejam agredindo o meio no qual elas são realizadas. É que a natureza seja mais que um mero palco para as atividades, mas que haja uma relação de troca, de saber conviver e respeitar.

Entendemos que através dessas práticas, a criança ou adolescente aprende a ter uma relação consciente com a natureza e assim teremos futuramente encontraremos homens e mulheres preocupados com o desenvolvimento sustentável, procurando por um equilíbrio entre preservação e consumo.

Mais do que pessoas preocupadas com essas questões, acreditamos em homens agindo em prol delas, a ação de construir uma outra cultura de relação com a natureza faz-se necessária frente à tentativa de garantirmos a própria vida humana. Este estudo reconhece que o sistema no qual estamos inseridos se caracteriza por inúmeras contradições, uma delas é a necessidade de pensarmos na natureza, elemento por ele destruído e danificado, entretanto a garantia dos recursos naturais para nossa sobrevivência nos faz pensar práticas alternativas por dentro do próprio sistema, mas sem perder de vista as possibilidades também de mudança.

CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos conhecimentos tratados sobre esporte de aventura na natureza e meio ambiente discutidas ao longo deste estudo indicaram que elas apresentam diferentes conteúdos nas suas construções teóricas, o que inclui os esporte de aventura tratados em diferentes perspectivas: consumo, degradação, lazer, adrenalina, preservação e desenvolvimento de conhecimentos ecológicos.

Ao tomar para este estudo a referencia da Educação Física como componente curricular, que vai tratar pedagogicamente dos conteúdos da cultura corporal, ligada à proposta pedagógica da escola, entendemos que o trato com o conteúdo dos esportes de aventura na natureza não deve estar associado a uma prática restritiva, e sim, favorecer ao aluno a apreensão dos conteúdos da educação física e das temáticas a eles associadas, numa perspectiva ampla, apreendendo o domínio de conceitos, categorias, principio e leis, à apropriação dos instrumentos e técnicas para sua ação, bem como, que crie um espaço de mudança de comportamentos, de atitudes e de valores.

Assim, a partir da produção vinculada a diferentes espaços de produção e socialização de conhecimentos, as temáticas sobre esporte de aventura na natureza e meio ambiente têm sido realizadas, na maioria das vezes, sem uma preocupação de preservação do meio ambiente e dos recursos naturais. Dessa forma a natureza se apresenta para estes estudos como um mero palco adequado para a realização dessas atividades. O homem, mais uma vez preocupado apenas com a sua satisfação, reforçando as características da sociedade capitalista em que está inserido, buscar o meio natural como forma de consumo, satisfação de seus interesses pessoais, sem pensar sobre suas ações na transformação da natureza. Em função disso, percebemos que é uma proposição de muitos autores estar discutindo a problemática do meio ambiente nos espaços escolares, como também nos espaços acadêmicos. Alguns autores já apresentam trabalhos que vêm o trato do esporte de aventura na natureza de forma mais

crítica, bem como, este estudo se insere nos estudos que buscam trabalhar com os alunos temáticas dos esportes de aventura na natureza na perspectiva da construção de reflexões sobre meio ambiente, educação ambiental e desenvolvimento sustentável.

Percebe-se, portanto, que o esporte de aventura pode ser tratado nas aulas de Educação Física de diversas formas. Para isso, sugerimos alguns pontos a serem discutidos nas aulas de Educação Física, como: as discussões sobre esportes, esportes de aventura, conceitos e classificações; os esportes como fenômeno em nossa sociedade e suas relações com o meio; o entendimento do conceito de meio ambiente de forma ampla, incluindo nela as relações sociais, econômicas, políticas e culturais do homem; noções de preservação; as relações do homem com a natureza e, mais especificamente, as relações do homem com o meio ambiente na prática do esporte junto à natureza. Da mesma forma que os esportes de aventura podem ser discutidos nas aulas de Educação Física, eles também podem, e devem, ser vivenciados. Muitos esportes se enquadram nas diferentes realidades educacionais encontradas. Cada um com sua especificidade e voltado a realidade sociocultural do meio em questão.

Assim, entendemos que, nesses espaços, podemos educar/conscientizar os alunos de forma que eles traduzam as práticas e discussões realizadas nas aulas de Educação Física em atitudes e comportamentos voltados para uma educação ambiental.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Sávio. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.

BRACHT, Valter. **A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, v. 7, n. 2, janeiro de 1986.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte**: uma introdução. Injuí: Editora Unijuí, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Médio e Tecnológico. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio, parte II, linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, 1999. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb>>. Acesso em: 02 jul 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: meio ambiente e saúde. Brasília: DP&A, 2000.

BRUHNS, Heloisa. **Lazer e Meio Ambiente**: Corpos Buscando o Verde e a Aventura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas (SP): Autores Associados, v. 18, nº2, 1997.

CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola**: a Educação Física como componente curricular. Vitória: CEFD-UFES, 1997.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: Educação Física e futebol**. 2º ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola**: Questões e Reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, Suraya Cristina et all. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental. Princípios e Práticas**. 8º edição. São Paulo, Gaia, 2003.

DOMINGUES, Soraya. **Cultura corporal e meio ambiente na formação de professores**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2005.

FERREIRA, Luiz F. Seabra. **Corridas de aventura**: construindo novos significados sobre corporeidade, esportes e natureza. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2003.

FIGUEIREDO, Renato P. de. **Educação Física para Educação Ambiental**: uma relação a ser construída na transitoriedade. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Brasília, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GREZZANA, José Francisco. **Um estudo inicial sobre os esportes de aventura na natureza: o pára-quedismo**, 2003. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd69/ea.htm>> Acesso em: 26 ago. 2005.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

KUNZ, Elenor. **As dimensões inumanas dos esporte**. Revista Movimento, v.1,n. 1, p. 23-28, 1994.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 4º edição, ed Ijuí: Unijuí, 2001.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Agenda 21**. Rio de Janeiro. Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1992. Disponível em <<http://www.crescentefertil.org.br/agenda21/index2.htm>>. Acesso em: 04 Jul. 2005.

MARINHO, Alcyane. **Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas (SP): Autores Associados, v. 22, nº 2, 2001.

MARINHO, Alcyane. **Atividades na Natureza, Lazer e Educação Ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades**. Motrivivência.

MOREIRA, Wagner W.(org) **Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1993.

NISTA-PICCOLO, Vilma (org) **Pedagogia dos esportes**. Campinas: Papirus, 1999.

PAIVA, Hylba de. **Socorros urgentes e esportes radicais**. Santo André, SP: FEFISA 1999.

RABELO, Desirée Cipriano. **Comunicação e mobilização na Agenda 21 local**. Vitória: Edufes/Facitec, 2003.

SOARES et al, Carmem Lúcia. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TAFFAREL, Celi; ESCOLBAR, Micheli; SOARES, Carmem. **A educação física escolar na perspectiva do século XXI**. In: MOREIRA, Wagner Way. Educação Física e esportes, perspectiva para o século XXI, São Paulo: ed. Papirus, 1993.

TAHARA, Alexander K.; SCHWARTZ, Gisele M. **Atividades de aventura na natureza: investindo na qualidade de vida**. Rio Claro: UNESP, 2003. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd58/avent.htm>> Acesso em: 12 jun. 2005.

TUBINO, Manoel J. Gomes, **Dimensões sociais do esporte**. 1º ed. EDUSP: São Paulo. 1996.

UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. São Paulo: Editora Manole, 2001.

VARGAS, José; TAVARES, Francisco. **A Educação Ambiental no contexto da Educação Física Escolar**. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd69/ea.htm>> Acesso em: 20 set. 2005.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: Como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.